

PROXIMIDADE ESPACIAL E DISTÂNCIA SOCIAL NAS PERIFERIAS METROPOLITANAS: UM ESTUDO DE CASO DE NOVA LIMA-MG

Spatial proximity and social distance in metropolitan peripheries: a case study of Nova Lima-MG

Eugênia Dória Viana Cerqueira

Doutora em Urbanismo e Planejamento pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne e pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta do Departamento de Sociologia da UFMG, Brasil

eugeniadoria@gmail.com

Recebido: 07/05/2024

Aceito: 28/10/2024

Resumo

Nas últimas décadas, as periferias metropolitanas expandiram-se com a presença de grupos de média e alta renda, resultando em uma reconfiguração das lógicas de segregação, evidenciada pelo fortalecimento das fronteiras sociais. A presente pesquisa explora, através do município de Nova Lima, o cerne das interações sociais em um contexto simultâneo de diversificação social e fragmentação espacial. A metodologia empregada consistiu na articulação entre um questionário e entrevistas semiestruturadas. Demonstra-se que embora exista uma mistura social nas periferias do vetor sul de Belo Horizonte, a proximidade espacial entre as diversas camadas da população não se traduz em uma interlocução social. Identifica-se que alguns bairros recentes emergem como espaços de mistura social, como, por exemplo, o bairro Jardim Canadá, que atua como um espaço frequentado por diversos grupos.

Palavras-chave: Periferias, Segregação, Mistura Social, Pós-Suburbia, Nova Lima

Abstract

In recent decades, metropolitan peripheries have expanded with the presence of middle and high-income groups, resulting in a reconfiguration of segregation dynamics, evidenced by strengthening social boundaries. Through Nova Lima's municipality, this research explores the core of social interactions in a simultaneous context of social diversification and spatial fragmentation. The methodology employed consisted of articulating a questionnaire and semi-structured interviews. It is demonstrated that although there is social mixing in the outskirts of the southern axis of Belo Horizonte, the spatial proximity between the various layers of the population does not translate into social interaction. It is identified that some recent neighbourhoods have emerged as spaces of social mixing, such as the Jardim Canadá neighbourhood, which acts as a space frequented by diverse groups.

Keywords: Peripheries, Segregation, Social Mixture, Post-Suburbia, Nova Lima

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1950, o processo de urbanização das grandes cidades brasileiras tem sido historicamente pautado por um padrão de segregação socioespacial em grande escala, caracterizado pela oposição dicotômica entre centro e periferia. O referido modelo reproduz diretamente as distâncias sociais, promovendo o isolamento dos grupos de baixa renda, com todos os custos que lhes são decorrentes, seja em termos de deslocamentos para as áreas que concentram as oportunidades de trabalho e serviços, seja no distanciamento em relação à convivência com outros grupos sociais (Andrade; Silveira, 2014).

A partir dos anos 2000, inflexões nas periferias das metrópoles brasileiras apontam na direção de estruturas socioespaciais cada vez mais complexas e diversificadas, que contrapõem o tradicional modelo de urbanização centro-periferia (Reis Filho, 2006). Nas últimas duas décadas, a expansão das periferias metropolitanas possuiu como traços marcantes fatores como o espraiamento de grupos de média e alta renda, a diversificação de serviços e a associação de diferentes tipologias residenciais a atividades. Observa-se, assim, um processo de proximidade espacial entre diversos grupos sociais, considerado por alguns autores como uma fonte de capital social para os menos privilegiados, em oposição às situações socialmente mais perversas, como as de isolamento social (Katzman, 2008). No entanto, embora essas transformações aproximem fisicamente os diferentes grupos sociais, observa-se uma reconfiguração das lógicas de segregação em uma micro escala, caracterizadas pelo fortalecimento das fronteiras sociais, ou da segmentação dos territórios, com base em atributos sociais (Andrade; Silveira, 2014). Com efeito, a difusão de classes de alta e média renda em direção se dá, frequentemente, sob a forma de empreendimentos securizados, cuja difusão é alicerçada sobre uma justificativa do aumento da violência urbana, o que leva à delimitação das fronteiras físicas ou socialmente construídas, de forma a assegurar a distância social (Caldeira, 2000; Melgaço, 2010).

A Região Metropolitana de Belo Horizonte reflete, de forma expressiva, os processos descritos. Atualmente, constata-se uma grande diversidade de processos que se superpõem nos vetores de expansão urbana da RMBH, contribuindo com uma redefinição gradual do padrão excludente centro-periferia que pautou o processo de urbanização das cidades brasileiras (Costa; Mendonça, 2015). Esse novo tecido socioterritorial periférico tem surgido,

sobretudo, a partir da expansão de segmentos da população vistos como solváveis pelo mercado formal e dos crescentes investimentos habitacionais em áreas, até recentemente, vistas apenas como redutos de irregularidade urbanística. No eixo sul da RMBH, a produção de loteamentos fechados com vantagens ambientais para a localização de habitação das populações de alta renda intensifica-se nos municípios de Nova Lima e Brumadinho. A implementação desses empreendimentos promove, igualmente, a mobilidade residencial de grupos sociais de baixa renda, atraídos pela emergência de oportunidades de trabalho nos loteamentos residenciais securizados (Mendonça; Perpétuo; Vargas, 2008).

Assim, investigações recentes sugerem que, embora se verifique uma diversificação socioespacial das periferias belorizontinas na escala metropolitana, observa-se, igualmente, um processo simultâneo de acentuação da segregação socioespacial na escala local (Cerqueira, 2015). Com efeito, a expansão do mercado imobiliário formal, sob a forma de difusão de empreendimentos residenciais securizados (Melgaço, 2010), engendraria lógicas de exclusividade social, configurando enclaves socialmente homogêneos (Costa; Mendonça, 2015). Por outro lado, outras investigações desenvolvidas em cidades latino-americanas apontam que a emergência de novas estruturas periféricas mistas poderia beneficiar as populações vulneráveis. Salcedo e Torres (2004) demonstram que, em Santiago, a implementação de condomínios fechados em um bairro periférico, caracterizado pela presença de grupos populares, acarretou na posterior instalação de atividades e serviços nas áreas adjacentes, beneficiando os grupos de baixa renda em termos de acesso às oportunidades cotidianas.

Assim, a presente investigação propõe analisar a segregação socioespacial e relações sociais nas periferias metropolitanas de Belo Horizonte, em um contexto de transformação desses espaços¹. Sob essa ótica, pretende-se analisar, em uma escala local, os impactos da diversificação socioespacial recente das periferias urbanas nas dinâmicas de segregação social. Questiona-se, igualmente, se a mistura social observada nesses espaços poderia impactar o acesso das populações vulneráveis das periferias metropolitanas a melhores recursos e oportunidades. A presente investigação apresenta duas principais hipóteses norteadoras. Por um lado, pressupõe-se que a emergência de estruturas pós-suburbanas, social e espacialmente diversificadas, poderia potencialmente atuar como fonte de capital

¹ A pesquisa apresentada foi financiada pelo CNPQ.

social para os menos privilegiados de forma a reestruturar as práticas dos habitantes das periferias em uma escala local e configurar uma melhoria no acesso às oportunidades (Andrade; Mendonça, 2010 ; Berroir *et al.*, 2017). No entanto, levanta-se, igualmente, a hipótese de uma reconfiguração da escala de segregação, que engendraria importantes distâncias sociais na escala local, delineando situações de exclusão social para as populações de baixa renda.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira vem se complexificando social e espacialmente, engendrando uma multiplicação das escalas de segregação. A década de 2000 marcou um momento significativo nesse processo, com o crescimento da escolaridade, o aumento da renda e o desenvolvimento do setor imobiliário, além do movimento de descentralização de atividades como comércios e dos serviços. Em consequência, as áreas pericentrais e periferias mais bem estruturadas passaram a atrair partes da classe média, tornando-se socialmente mais diversificadas, com uma mistura de trabalhadores qualificados e indivíduos de classes médias. A primeira inflexão a ser destacada consiste na intensificação do fenômeno denominado hipersegregação das elites (Mendonça; Andrade; Diniz, 2019), que se refere à concentração dos grupos de alto status nas áreas centrais, conformando um território ainda mais segregado e homogêneo. A segunda mudança ocorreu na direção oposta, uma vez que resultou na formação de espaços com maior mistura social, espaços mais heterogêneos, localizados no entorno dos municípios polo, mas também em espaços mais periféricos onde antes predominava a moradia de operários ou grupos de mais baixo status e, por isso mesmo, conhecido como periferias sociais.

Sob essa ótica, verifica-se, na escala macroespacial, a manutenção do tradicional padrão centro-periferia, no qual a maioria dos grupos de baixa renda se concentra nas periferias e os grupos de média e alta rendas ocupam as áreas centrais (Sabatini, 2003). O padrão de macro de segregação que pautou a urbanização das cidades latino-americanas traduz, através da distância física, a distância entre grupos sociais, promovendo o isolamento dos pobres com todos os custos que lhes são decorrentes, sejam em termos de deslocamentos para as áreas que concentram os postos de trabalho e serviços, seja no distanciamento em relação à convivência com outros grupos sociais (Andrade; Silveira, 2014). Segundo os estudos pautados nas lógicas de efeito-território, a concentração espacial de populações

homogeneamente pobres pode acarretar na reprodução da pobreza, na medida em que os habitantes são privados da exposição a experiências bem-sucedidas de outros grupos sociais, limitando os seus horizontes às experiências locais de modelos de conduta pouco exitosos (Kaztman, 2008).

Por outro lado, observa-se uma intensificação dos processos de segregação e fragmentação na escala local, materializada, por exemplo, na presença de assentamentos informais nas áreas centrais e na recente expansão de condomínios fechados nas periferias urbanas (Cerqueira, 2018a ; goix *et al.*, 2018). Tais configurações são pautadas pela proximidade física entre os diversos grupos sociais, mas também por interações marcadas por importantes indicadores de distância social, sejam eles físicos, como os muros, ou sociais, como a aparência física (Andrade; Mendonça, 2010). A tensão social entre grupos distintos engendra a delimitação de fronteiras físicas ou socialmente construídas de forma a assegurar a distância social.

A securização do espaço permite não apenas a prevenção de ameaças externas, mas também a manutenção da ordem interna dos loteamentos fechados. Trabalhadores domésticos podem ser submetidos a processos de controle e de revista para adentrar os loteamentos fortificados. Frequentemente, os trabalhadores devem adotar uniformes como vestuário, em um intuito de demarcação social entre os residentes e as demais classes. Sob essa ótica, a privatização urbana delinea, simultaneamente, uma ordem interna, pautada pela transparência das relações e uma ordem externa, definida por muros e sistemas de segurança e caracterizada pela persistência do modelo clássico de divisão social. Trata-se do que Segura (2020) definiu como “convivialidade hierárquica”, termo que sugere a existência de relações assimétricas e interdependentes , que se manifestam através do controle intrínseco às relações de trabalho e da assistência social. As referidas relações reproduzem, assim, os parâmetros de subordinação e distância entre os atores sociais envolvidos.

Dessa forma, a simples adjacência espacial entre grupos diversos não garante a integração social e alguns autores, como Simmel (1983) consideram a interação entre grupos distintos até como um fator de conflito. Destarte, a mistura social pode potencialmente atuar como mecanismo de integração social na condição em que a proximidade territorial implique em um compartilhamento nas distintas esferas da vida social como escolas, instituições públicas e espaços de lazer.

3. RECORTE ESPACIAL E METODOLOGIA

3.1 O município de Nova Lima

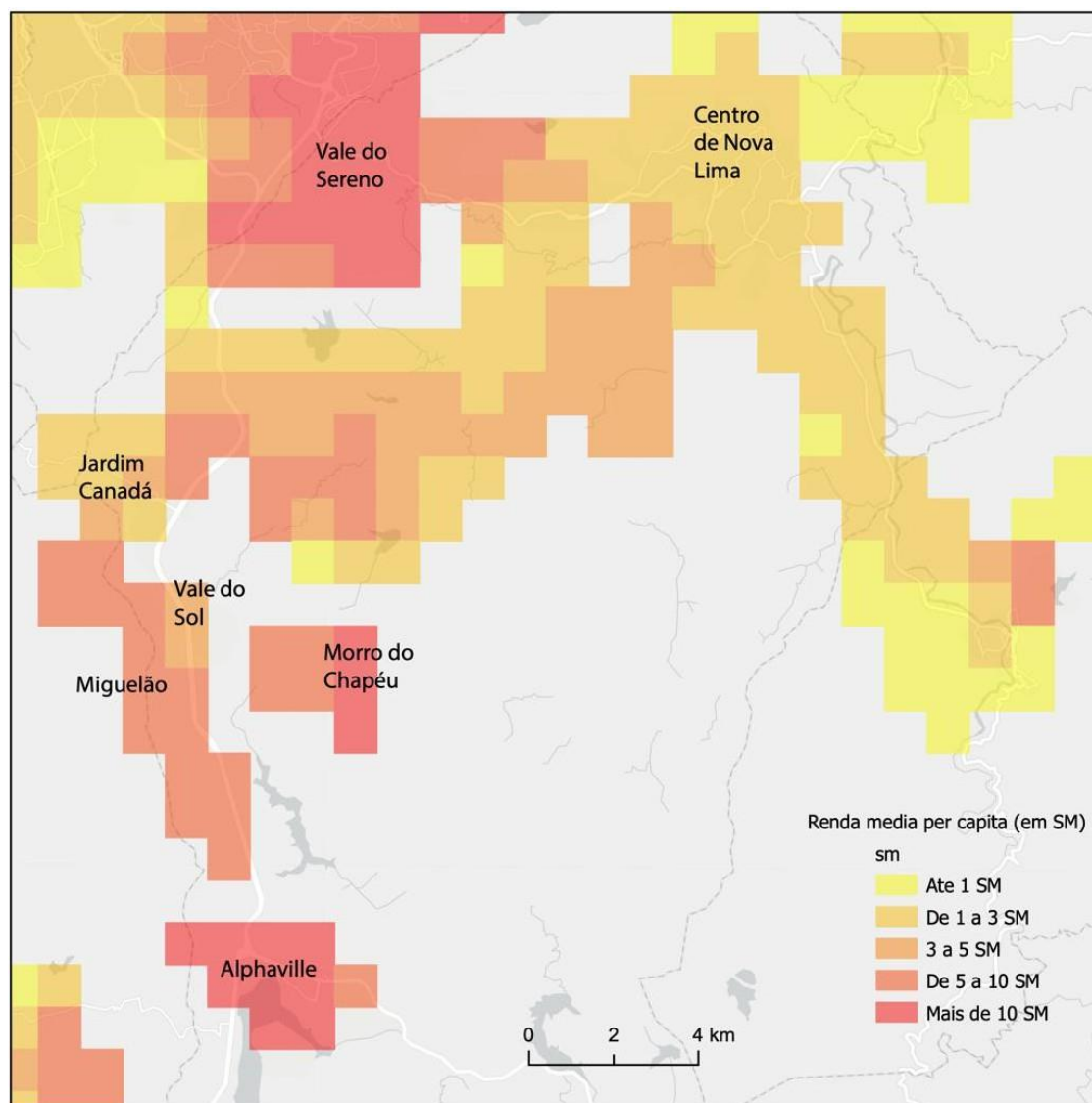
O município de Nova Lima constituiu um dos 34 municípios da região metropolitana de Belo Horizonte, situado no vetor sul da metrópole. A ocupação do seu núcleo remonta ao século XVIII, articulada à atividade de mineração. Com a instalação da empresa inglesa, a Saint John Del Rey Mining Company em 1834, constitui-se um núcleo urbano denso em torno da Mina de Ouro Morro Velho. A partir da década de 1960, teve início a atividade de exploração do minério de ferro. As duas principais empresas mineradoras que permanecem operando no presente momento no referido município são a Mineração Morro Velho, atualmente denominada Anglo Gold, e as Minerações Brasileiras Reunidas, conhecida pela sigla MBR, as quais também detêm significativas extensões territoriais em outros municípios circunvizinhos da região.

Se até a primeira metade do século passado a urbanização do município esteve diretamente ligada à atividade mineradora, a partir dos anos 1960 tem início um novo tipo de parcelamento do solo, não mais destinado aos mineiros e outros moradores de Nova Lima. Observa-se então a emergência dos primeiros loteamentos para sítios de recreio, que ocorreu de forma lenta até os anos 1990, quando o município começa a sofrer uma forte pressão da capital mineira. Nas últimas décadas, verifica-se a disseminação de novos condomínios, o adensamento de novos bairros e a criação de um centro de atividades terciárias na fronteira das duas cidades.

Atualmente, o cenário configura uma estrutura socioespacial fragmentada e diversa (Figura 1). O centro de Nova Lima concentra, majoritariamente, populações de baixa renda, ganhando até 3 salários mínimos. Já as áreas caracterizadas pela presença de condomínios fechados como o Morro do Chapéu e Alphaville, no vetor oeste do município, e o bairro Vale do Sereno, no vetor norte, apresentam uma concentração majoritária de famílias de alta renda, ganhando mais de 10 salários mínimos per capita. As regiões nas quais se situam condomínios mais antigos como o condomínio Miguelão, Vila Del Rey e condomínios recentemente implementados, como o Vale dos Cristais, concentram uma renda de 5 a 10 SM per capita. No entanto, estima-se que o censo de 2010 ainda não foi capaz captar os impactos socioespaciais nas áreas de implementação de condomínios mais recentes, caracterizados muitas vezes por uma população de poder aquisitivo mais elevado que os primeiros moradores de condomínios

da região (Andrade, 2005). Por fim, bairros como Jardim Canadá e Vale do Sol, de ocupação recente, caracterizam-se por uma ocupação intermediária em termos de renda, concentrando grupos que ganham de 3 a 5 salários mínimos.

Figura 1- Distribuição socioespacial em Nova Lima por número de salários mínimos (SM)



Fonte: Censo 2010 IBGE, elaboração dos autores (2024)

3.2 Metodologia

Na literatura acadêmica a compreensão das dinâmicas de separação e de mistura social articula-se, frequentemente, à análise quantitativa da distribuição das diversas categorias da

população (Cerqueira, 2015). Em função do adiamento contínuo do censo de 2020, aponta-se a pertinência do desenvolvimento de uma investigação qualitativa a fim de responder os principais questionamentos e hipóteses de pesquisa. Embora investigações precedentes visando aferir as dinâmicas de segregação socioespacial nas periferias belorizontinas tenham sido realizadas a partir de dados quantitativos (De Andrade; Mendonça, 2010; cerqueira, 2018), os dados do censo demográfico de 2010 nos parecem demasiadamente desatualizados para a realização de uma análise detalhada, dadas as intensas transformações observadas nos espaços periféricos da metrópole na última década. Nesse sentido, visou-se delinear uma metodologia qualitativa exploratória, a fim de compreender as dinâmicas de mistura e segregação social observadas nas periferias belorizontinas nos últimos anos.

No desenvolvimento deste estudo, consideramos que "tudo que existe, existe para uma consciência e a própria consciência se faz conhecer, ou se mostra a si mesmo no conhecer, portanto, ela própria é fenômeno" (Suertegaray, 2005, p. 29). Destarte, a metodologia fenomenológica busca descrever o fenômeno como se apresenta diretamente, buscando afastar-se de crenças e preconceitos ao captar o sentido e significado atribuído pelos diversos atores, agentes, grupos envolvidos, ao vivido (Ibidem). Essa perspectiva é, assim, transporta grupos sociais de Nova Lima às suas vivências, através de uma postura que privilegia a experiência direta dos entrevistados, no intuito de compreender como diferentes grupos percebem e interpretam suas interações sociais no espaço urbano.

Em um primeiro momento, um questionário foi conduzido com o objetivo de identificar os principais locais de práticas cotidianas e interação social em Nova Lima, de forma a mapear geograficamente os principais espaços frequentados pelos diversos grupos sociais de habitantes. Foram considerados como potenciais locais de interação social: locais de compras (supermercados, *shoppings* etc.), espaços públicos, espaços de festas e eventos, locais de lazer e esporte, restaurantes e bares, casa de amigos e parentes, espaços de culto religioso. No total, foram cartografados pontos de práticas cotidianas referentes a 60 moradores.

Na sequência, propôs-se a realização de vinte e cinco entrevistas semiestruturadas com habitantes das periferias metropolitanas, com enfoque em três temáticas principais. Primeiramente, visa-se compreender a trajetória residencial dos habitantes, abarcando parâmetros como o tempo no município residência, motivo de mudança para as periferias urbanas, tipo de habitação etc. Em seguida, buscou-se abordar as principais práticas cotidianas dos indivíduos, identificando situações de exclusão ou de integração social com

outros grupos de habitantes. Por fim, procurou-se indagar os habitantes acerca dos principais conflitos e tensões sociais observados entre os diversos grupos sociais no município. O método “bola de neve” foi utilizado para o recrutamento de entrevistados. O referido método consiste em uma técnica de amostragem utilizada especialmente em pesquisas qualitativas, onde os participantes iniciais da pesquisa indicam outros potenciais participantes, e assim por diante, formando uma "bola de neve" de indicações. Trata-se de um método particularmente útil quando se trabalha com grupos difíceis de acessar, comunidades específicas ou populações pouco conhecidas, onde uma rede de indicações facilita o recrutamento de participantes.

A escolha das áreas de estudo visou dissecar três tipologias de ocupação socioespacial observadas em Nova Lima. Primeiramente, buscou-se abarcar o centro histórico de Nova Lima, caracterizado por uma ocupação mais antiga e pela predominância de grupos de baixa renda. Além disso, abordou-se detalhadamente as dinâmicas observadas nos condomínios fechados, que concentram uma população de alta renda, cuja implementação deu-se a partir da década de 1960, com uma expressiva intensificação nas últimas duas décadas. Por fim, procurou-se compreender as interações socioespaciais dos moradores de bairros intermediários de desenvolvimento recente, como o Vale do Sol e Jardim Canadá. A Figura 2 apresenta, da esquerda superior para a direita, fotos do trabalho de campo: 1-Condomínio Alphaville ; 2- Centro de Nova Lima ; 3-Condomínio Miguelão ; 4- Bairro Vale do Sol ; 5- Comércio no bairro Jardim Canadá ; 6- Condomínio Vale dos Cristais.

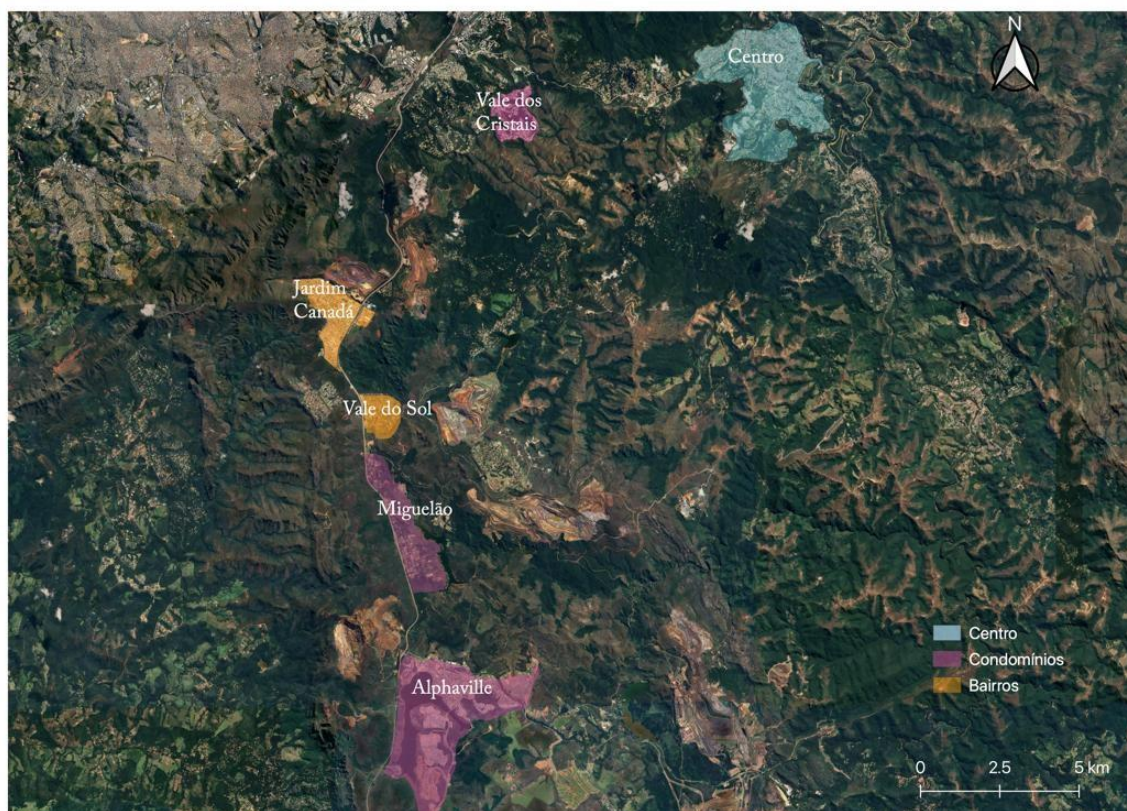
Uma parte das entrevistas foi realizada com habitantes dos condomínios Miguelão, Vale dos Cristais e Alphaville, sendo o primeiro de implementação mais antiga e os dois últimos de implementação mais recente. Outra parte das entrevistas foi realizada no centro urbano de Nova Lima, que abarca uma população majoritariamente de baixa renda. Por fim, conduziu-se entrevistas, igualmente, nos bairros Vale do Sol e Jardim Canadá, recentemente desenvolvidos no município. A Figura 3 representa a distribuição espacial dos bairros nos quais foram conduzidas as entrevistas semiestruturadas.

Figura 2- Fotos dos locais de entrevista



Fonte: Autores (2023)

Figura 3- Distribuição espacial dos locais de entrevista



Fonte: Elaboração dos autores (2024)

A amostra foi realizada visando um equilíbrio entre participantes do sexo masculino e feminino, assim como faixas etárias e nível de estudo (Tabela 1). Registrou-se um número maior de mulheres (15) do que de homens (10). A idade dos entrevistados variou de 18 a 77 anos. Todos os níveis de escolaridade foram representados na amostra, sendo que 40% dos participantes possuía educação superior.

Tabela 1- Distribuição espacial dos locais de entrevista

Gênero	Masculino	10
	Feminino	15
Idade	De 18 a 24 anos	3
	De 25 a 39 anos	8
	De 40 a 59 anos	9
	Mais de 60 anos	5
Escolaridade	Ensino fundamental ou menos	6
	Ensino médio	8
	Ensino superior	11

Fonte: Questionário de pesquisa, elaboração dos autores (2024).

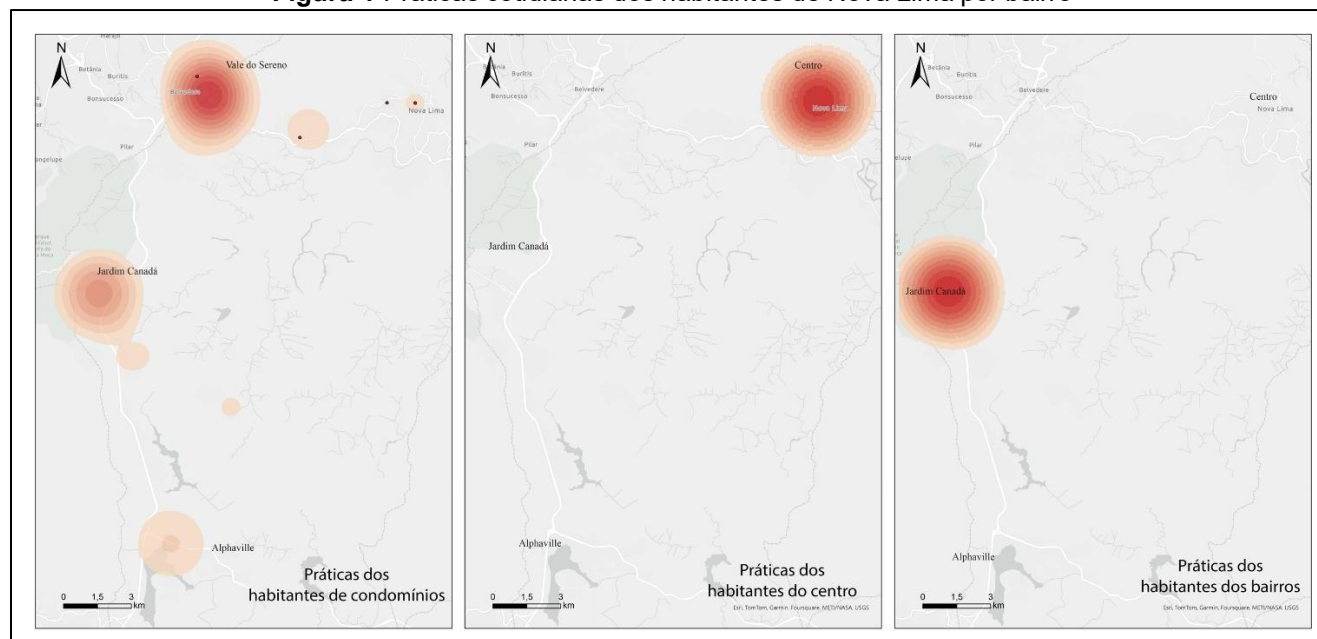
4. RESULTADOS

4.1. Práticas cotidianas e locais de interação social: uma geografia dos habitantes de Nova Lima

A primeira análise traçada visou comparar a geografia das atividades e práticas cotidianas dos moradores de Nova Lima, por tipo de bairro. De forma geral, verificou-se uma maior diversidade e extensão geográficas das práticas cotidianas dos residentes de condomínios (Figura 4). O mapa de calor mostra uma intensa concentração em torno do Vale do Sereno e do Vila da Serra, bairros de alta renda situados nas adjacências do município de Belo Horizonte. Os locais são apontados como pontos geográficos de bares e restaurantes frequentados não apenas pelos residentes dos condomínios situados no vetor Norte do município, mas também de outros loteamentos geograficamente mais distantes. Em sequência, o bairro Jardim Canadá foi identificado como um importante local de interesse de moradores de diversos condomínios, no que concerne serviços cotidianos como supermercados e comércio, notadamente para os moradores dos condomínios do entorno. Para os moradores do Alphaville, a implementação gradual de comércios e serviços nas

adjacências do condomínio parece ter influência nas práticas locais. Os moradores apontam que para atividades cotidianas como compras, utilizam os comércios situados nas adjacências do condomínio.

Figura 4-Práticas cotidianas dos habitantes de Nova Lima por bairro



Fonte: Questionário de pesquisa, elaboração dos autores (2024).

Em termos de práticas de lazer, as atividades dos moradores de alta renda dos condomínios tendem a ser mais diversificadas tipológica e geograficamente. No questionário conduzido, mais de 80% dos residentes que alegam frequentar shoppings na região, são, de fato, moradores de condomínios, que se repartem entre o BH Shopping, equipamento de grande porte e os shoppings locais da região, como o Serena Mall. Ademais, uma parte importante dos residentes de condomínios apontam que as atividades de lazer como esportes e academia são realizadas, notadamente, no interior dos loteamentos.

Os locais de atividades cotidianas dos moradores de bairros não securizados (não situados no centro de Nova Lima) encontram-se concentrados, notadamente, em torno do bairro Jardim Canadá, que atua como ponto de apoio para os residentes tanto do próprio bairro, quanto do Vale do Sol. Nesse sentido, observa-se uma importante dependência da escala local, principalmente para os residentes de baixa renda, que frequentemente realizam seus deslocamentos a pé ou por transporte público. Dessa forma, o Jardim Canadá atua como uma centralidade, não apenas para os habitantes locais, mas também para os moradores dos

condomínios e outros bairros no entorno. No entanto, vale ressaltar que as atividades e equipamentos frequentados diferem de acordo com os diversos grupos sociais, ainda que se situem no mesmo perímetro geográfico. Entrevistados como Antônio (65 anos, aposentado, Miguelão) e Daniel (28 anos, empresário, Vale do Sol) afirmam frequentar o supermercado Verdemar, situado no Jardim Canadá. Já os respondentes menos qualificados apontam o Supermercados BH como local escolhido para compras.

Cláudio (55 anos, militar aposentado, Jardim Canadá) enfatiza que alguns produtos, mercadorias e prestação de serviços possuem preços mais elevados no seu bairro de residência, o que engendra não só uma limitação para a população local de baixa renda, mas, por vezes, uma necessidade de deslocamento até Belo Horizonte. O entrevistado explica que, como o bairro Jardim Canadá se situa no caminho de condomínios de médio e alto padrão, os residentes desses loteamentos tendem a frequentar os serviços do bairro: *“muito o supermercado Verdemar, McDonald’s, sacolões e açougues. Devido à proximidade desse público, alguns serviços são caros. Mas a maior parte da população do bairro frequenta os supermercados BH e Epa.”*

Por fim, a cartografia das práticas cotidianas dos moradores do centro de Nova Lima reproduz tendências similares às descritas para os moradores dos bairros. As atividades identificadas concentram-se, majoritariamente, em torno do centro, em uma escala local. A distribuição espacial das práticas dos habitantes dos moradores dos bairros não-securizados e do centro aponta que os residentes de baixa renda não realizam atividades de lazer na esfera local, com exceção das atividades de culto religioso. Com efeito, verificou-se que tais práticas fazem parte, notadamente, do cotidiano das populações de baixa renda, não sendo evidenciadas no contexto dos estratos de alta renda.

Por outro lado, as casas de eventos existentes no Jardim Canadá são frequentadas, notadamente, por populações de alta renda residentes de condomínios. Com efeito, os moradores de baixa renda dos bairros vizinhos aos condomínios afirmam frequentar pouco os estabelecimentos locais de lazer, devido ao custo elevado dos serviços prestados. Os relatos apontam que parece haver uma priorização do público de alta renda na oferta de serviços locais.

Muitas vezes a gente desce para Belo Horizonte para poder curtir lá, porque aqui no bairro tem bares pequenos, o restaurante aqui, o poder aquisitivo da minha região é muito alto, então se torna mais caro, então durante semana eu trabalho, então fim de semana que a gente queira sair, passear, a gente vai para outro lugar, então que seria Belo Horizonte, Betim que é o lugar que eu mais frequento. (Heloísa, 31 anos, cozinheira/empresária, Jardim Canadá)

4.2. Os moradores dos condomínios fechados: interação social intramuros e relações de hierarquia

Os moradores de condomínios entrevistados afirmam ter relações sociais limitadas com moradores de bairros não securizados em Nova Lima. Com efeito, os respondentes relatam frequentar casa de amigos e família que se situam, notadamente, em outros condomínios ou bairros de alta renda, como o Vila da Serra. Além disso, esses respondentes, que costumam ser antigos moradores de Belo Horizonte, parecem possuir um vínculo importante com o centro da metrópole em termos de extensão geográfica de interações sociais.

A relação entre vizinhos aparece como um fator valorizado no discurso dos moradores de loteamentos fechados. Com efeito, no questionário conduzido online, ao menos 40% dos moradores de condomínios evocam se encontrar frequentemente com os vizinhos. Por outro lado, diversos moradores de condomínio apontam a importância da esfera individual nas interações sociais, sobretudo aqueles de idade mais avançada. Para eles, a residência constitui o lócus das interações sociais. Segundo Maria (77 anos, psicóloga, Vale dos Cristais): *“é importantíssimo encontrar os amigos e família, mas eu gosto mais de receber, já tenho espaço até preparado pra sair menos de casa (risos) [...] minha casa tem de tudo para a família aproveitar: piscina, sauna, telão, churrasco.”*

As entrevistas permitiram confirmar a hipótese de Mendonça *et al.* (2008), que evocam que o assentamento de populações de baixa renda em Nova Lima articula-se à propagação das relações de trabalho com os habitantes dos condomínios fechados. Verifica-se, assim, uma reprodução do que Segura (2020) define como convivialidade hierárquica, que sugere a existência de relações assimétricas e interdependentes, que refletem os parâmetros de subordinação e distância entre os atores sociais envolvidos.

Dentre os moradores de condomínios entrevistados, nenhum citou a realização de interações sociais com residentes dos bairros não fortificados. Já alguns respondentes de bairros como Jardim Canadá e o centro de Nova Lima mencionaram as relações de trabalho desenvolvidas com os residentes dos loteamentos securizados: *“condomínio hoje em dia a*

gente vai mais pra trabalhar mesmo né. Nós moramos lá no Miguelão muitos anos, a gente tinha uma relação muito boa com nossos antigos patrões.” (Irene, 55 anos, Jardim Canadá).

Tais resultados se articulam ao estudo desenvolvido por Andrade e Mendonça (2010), que sublinha que, a embora haja uma proximidade espacial entre grupos díspares no município de Nova Lima, a estrutura social polarizada observada configura dinâmicas expressivas de segregação. No entanto, de acordo com os resultados das entrevistas realizadas, a proximidade entre grupos sociais não parece engendrar tensões diretas ou fortes estigmas, conforme observado, por exemplo, no caso da relação espacial entre favelas e bairros de alta renda (Simmel, 1983 ; andrade; Silveira, 2014). Com efeito, pode-se supor que o desenvolvimento recente de bairros como o Jardim Canadá, que se deu em torno da disseminação de condomínios, configura-se nos moldes de convivialidade hierárquica, de forma a naturalizar as relações de subordinação entre grupos sociais.

As entrevistas semiestruturadas revelaram uma considerável distinção no tipo de convivialidade observada nos bairros não securizados em relação aos loteamentos fechados. Com efeito, as populações de baixa renda parecem desenvolver redes locais de apoio. A maioria dos moradores autóctones foram encontrados no centro de Nova Lima, constituindo grupos de residentes que nunca se mudaram do município ou, retornaram após uma mudança temporária. Observa-se, dentre esses moradores, uma formação de uma rede de solidariedade local, constituída ao longo dos anos.

Tal dinâmica é observada, igualmente, no que concerne os moradores de bairros não fortificados, residentes de Nova Lima há mais de dez anos. André (55 anos, motorista), morador do bairro Jardim Canadá há 20 anos, destaca ter uma excelente relação com seus vizinhos, com quem acabou desenvolvendo laços de amizade ao longo do tempo. Os grupos de baixa renda, ao se organizarem, estruturam um tipo de sociabilidade baseado na ajuda mútua e na solidariedade, sobretudo entre parentes e vizinhos. Segundo Santos (2003), Trata-se de um tipo de sociabilidade que não se remete apenas à satisfação das carências materiais imediatas, mas também ao processo de reprodução das desigualdades impostas pelo modo de produção capitalista.

4.3. Trajetórias residenciais e interação social

A análise das entrevistas semiestruturadas permitiu identificar, igualmente, que as trajetórias residenciais parecem ter importantes impactos sobre as interações sociais dos diversos habitantes de Nova Lima. Com efeito, os residentes que moram no município há menos tempo tendem a conservar as redes sociais em seu antigo local de residência.

Lucas (18 anos, estudante, Alphaville) descreve que, apesar de habitar no condomínio Alphaville há 3 anos, seus encontros sociais ainda se dão frequentemente em Belo Horizonte. Embora estude atualmente no Santo Agostinho em Nova Lima, ele afirma ainda manter contato com sua rede de amigos do antigo colégio, cujos encontros se dão, notadamente, em shoppings no centro da cidade, como o Pátio Savassi e o Diamond Mall. Da mesma forma, Júlia (33 anos, empresária, Alphaville), também recém instalada em Alphaville, relata que, aos finais de semana, ela e seu marido tendem a encontrar amigos e família na região central de Belo Horizonte. A respondente afirma que o principal ponto negativo de seu novo local de residência consiste na distância centro urbano, principalmente no que concerne a distância de suas redes sociais.

A tendência descrita é observada não apenas entre os moradores de alta renda, mas em diversas classes sociais. Heloísa (33 anos, cozinheira, Jardim Canadá) descreve que ainda se desloca frequentemente para o centro de Belo Horizonte para encontrar-se com amigos e família, embora já tenha começado a desenvolver uma rede social local após sua instalação em Nova Lima, principalmente através de sua atividade de empreendedorismo. Beltramone (1975) qualifica essa mudança no espaço de vida na ocasião de uma mudança residencial como "deslizamento", processo que corresponde à manutenção de alguns dos locais de atividade no entorno da antiga residência, conjugado à emergência de novos locais. Assim, os locais frequentados pelos habitantes oscilam entre aqueles ligados ao antigo local de residência e as novas oportunidades que surgem em conexão com o novo local de habitação.

No entanto, alguns habitantes destacam a dificuldade de tecer relações sociais, mesmo após anos de instalação no município. Cláudio (55 anos, militar aposentado), residente do Jardim Canadá II, afirma ter uma boa relação com os vizinhos, mas pouco convívio. O entrevistado explica que os demais vizinhos são empregados de empresas em residências alugadas e a extensa rotatividade residencial dificulta a formação de laços. O respondente afirma que a população residente divide o bairro em Jardim Canadá I e II. A maior parte

residencial e comercial se encontra no Jardim Canadá I, na qual se situam supermercados, padarias, açougues, restaurantes, hortifrutigranjeiros, lojas de roupas, drogarias e outros. Já o Jardim Canadá II é caracterizado por residências, galpões de empresas, com pouco comércio e muitas residências alugadas para as empresas terceirizadas que prestam serviço para a Vale.

Os moradores que habitam no município entre 5 e 20 anos foram aqueles que demonstraram uma maior busca pela inserção no tecido social local. Esse grupo abarca, notadamente, casais nos primeiros estágios do ciclo de vida familiar. A presença de filhos tende a corroborar as oportunidades de interação social, através dos laços construídos por intermédio do ambiente escolar, que favorece a integração em uma nova rede social por meio das conexões que seus filhos estabelecem na escola e em atividades extracurriculares (SECCOMBE, 2021). Esses efeitos inegáveis do ciclo vital também são verificados examinando-se atividades domésticas que são acompanhadas de relações sociais, como passeios noturnos, recepções domiciliares, reuniões de associação. O fato de essas atividades serem praticadas em vários lugares corresponde a diferenças significativas na natureza da sociabilidade.

Por outro lado, no que concerne os moradores que residem no município há mais de 20 anos, observou-se uma tendência de reclusão na esfera local e uma consequente redução das oportunidades de interação social. Com efeito, trata-se, em sua maioria, de moradores idosos, que afirmam priorizar a convivência com a família e amigos próximos. Segundo Forsé (1999), o próprio avanço da idade conduziria sobretudo a uma redução do tamanho das redes de relações sociais, ou seja, do número de pessoas com quem os indivíduos se relacionam. Com o avançar da idade, a frequência a restaurantes, bares, práticas de esportes diminuem, sendo substituída por recepções em casa ou na casa de amigos ou parentes. Entre os idosos, a sociabilidade tende a se concentrar na moradia, nas relações com os familiares e, se houver participação social fora dos clubes de idosos, nas associações religiosas.

4.4. Eventos, festas e interação social: uma reprodução das lógicas de segregação

Um dos elementos de investigação nas entrevistas realizadas consistiu na compreensão da interação entre habitantes de Nova Lima através de festas e eventos como feiras e exposições. A literatura existente aponta que os rituais coletivos, tais como as festas e eventos, podem cumprir funções diversas, sobretudo em espaços públicos. Se por um lado,

tais práticas possuem a capacidade de unir diversos atores, de grupos heterogêneos, podem, igualmente, reforçar as diferenças existentes (Mendes; Padilla; Azevedo, 2016). Delgado (2007) denomina festa centrípeta aquela que tem capacidade de gerar união e festa centrífuga à que tem capacidade de provocar diferenciação, considerando que tais forças podem acontecer simultaneamente e/ou sequencialmente, ou predominar em diferentes momentos.

Dentre os moradores dos bairros não securizados observou-se uma expressiva distinção entre os moradores do Vale do Sol e do Jardim Canadá. No primeiro, a maioria dos respondentes afirmou não participar de festas e eventos numa escala local. No entanto, identificou-se, através de reportagens e redes sociais, a realização de eventos públicos, como feiras artesanais. Já no Jardim Canadá, a Praça dos Quatro Elementos foi citada por alguns residentes como local de realização de festas e eventos. Os moradores afirmam que a prefeitura promove alguns eventos no bairro, mas com frequência limitada.

Do último fim de semana, dia 18, teve o festival de cerveja, né? Aí, então, é bacana, é numa praça, aqui a praça chama Quatro Elementos, e é aberta ao público, assim, para moradores, mas algumas coisas são privadas, né? Então, assim, o morador tem que pagar, então, acho isso aí um ponto negativo, que traz coisas para o bairro e acaba que a gente tem que pagar, né? (Heloísa, 33 anos, cozinheira, Jardim Canadá)

Os eventos locais parecem atuar como instrumentos de convivialidade entre os moradores. Heloísa descreve que, recentemente, tem havido a realização de feiras de empreendedorismo no bairro, que contribuem com o estreitamento de laços com os vizinhos: *“eu também me envolvo com empreendedorismo, né? Tem alguns meses, a Prefeitura começou a fazer projeto social, tem... uma vez por mês, tem feiras, tem ajuda aos empreendedores da região.”*

Por outro lado, conforme previamente elencado na seção anterior, as casas de eventos existentes no Jardim Canadá atraem, notadamente, por populações de alta renda, residentes dos condomínios e do bairro Vale do Sol. Segundo Fernanda (45 anos, esteticista, Vale do Cristais) tais eventos consistem em festas privadas ou grandes shows de bandas e cantores famosos nos salões de festas existentes no bairro.

Além disso, a Lagoa dos Ingleses, que ladeia o condomínio Alphaville, é apontada como um importante ponto de realização de eventos como festivais, feiras, exposições, competições esportivas, encontros gastronômicos, shows musicais e atrações infantis. Nos últimos anos, o Projeto CSul Lagoa dos Ingleses tem promovido eventos e ações na região, visando

proporcionar qualidade de vida e bem-estar aos moradores, assim como incentivar a convivência e eventos ao ar livre². Jorge (55 anos, empresário, Alphaville) reitera que uma série de eventos ocorrem frequentemente no local evocado: “Nós vamos de vez em quando em família nos eventos que têm aqui na Lagoa. Esse ano teve o Festival de Inverno, que nós fomos, foi super bacana.” No entanto, a maioria dos eventos mencionados são pagos e possuem preços elevados, limitando a participação dos moradores de baixa renda da região. Verifica-se, dessa forma, que as segregações observadas se reproduzem no âmbito de eventos coletivos, uma vez que a participação em eventos nos bairros de alta renda é frequentemente limitada pelo alto preço dos ingressos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu traçar uma reflexão acerca da proximidade espacial e sua tradução em interações sociais em um contexto de complexificação das periferias urbanas. Procurou-se compreender o processo de inflexão da escala de segregação nas metrópoles brasileiras, explorando-se a interação social entre diversos grupos de habitantes em um município socialmente heterogêneo da periferia urbana de Belo Horizonte.

A análise do município de Nova Lima, situado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, permitiu compreender o cerne das interações sociais em um contexto simultâneo de diversificação social e fragmentação espacial. Verificou-se que os habitantes dos condomínios fechados, predominantemente de alta renda e motorizados, possuem uma maior amplitude geográfica em termos de práticas cotidianas. Por outro lado, os moradores de bairros não securizados e do Centro de Nova Lima gravitam, majoritariamente, em torno da esfera local.

Os resultados das entrevistas semiestruturadas demonstram que embora exista uma intensa mistura social nas periferias do vetor sul de Belo Horizonte, a proximidade espacial entre as diversas camadas da população não se traduz em uma interlocução social. O modelo de securização que permeia a implementação dos condomínios fechados engendra situações de expressiva exclusão social. De maneira geral, a interação entre os moradores dos condomínios se limita a relações exclusivas de trabalho, através de dinâmicas que Segura

² <https://www.alphavillenoticias.com.br/noticia/134/lagoa-dos-ingleses-volta-a-ser-um-dos-principais-palcos-para-eventos-nao-ar-livre>

(2020) qualifica como convivialidade hierárquica. Foi possível identificar que alguns bairros recentes emergem como espaços embrionários de mistura social, como, por exemplo, o bairro Jardim Canadá, que atua como um espaço frequentado por diversos grupos de habitantes, no qual é possível traçar convivialidades mais diversificadas. No entanto, os residentes locais apontam que a lógica de estruturação socioespacial do bairro corrobora com a reprodução das relações hierárquicas de renda, uma vez que grande parte dos serviços locais são voltados para o público de alta renda, residente dos condomínios situados no entorno da área assinalada. Dessa forma, a presente investigação permitiu contribuir diretamente com o debate conceitual emergente acerca da inflexão das periferias urbanas, destacando a complexidade das estruturas socioespaciais existentes e das relações sociais tecidas nesses espaços.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. T. Os condomínios fechados e as novas dinâmicas metropolitanas. *In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, 10, 2005. **Anais...** São Paulo: 2005.

ANDRADE, L. T.; SILVEIRA, L. S. Efeito-território: explorações em torno de um conceito sociológico. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 2, p. 381, 31 jan. 2014.

BELTRAMONE, A. Définition logique des flux migratoires intérieurs. **Migrations intérieures**, p. 491–518, 1975.

BERROIR, S. *et al.* Petites villes périurbaines et ancrage local des habitants. Les cas de Méru et Senlis dans l'Oise. **Espaces et sociétés**, n. 1, p. 69–88, 2017.

CALDEIRA, T. P. DO R. **City of walls: crime, segregation, and citizenship in São Paulo**. Los Angeles: University of California Press, 2001.

CERQUEIRA, E. As novas lógicas de fortificação residencial nas periferias metropolitanas de Belo Horizonte: quais impactos sobre a segregação social? **URBE Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 7, n. 2, p. 195–210, 2015.

CERQUEIRA, E. Faut-il renouveler le regard sur les franges périphériques des villes du Sud ? Le cas des périphéries brésiliennes. **Confins**, n. 36, 26 jun. 2018a.

CERQUEIRA, E. D. As desigualdades de mobilidade nas periferias da Região Metropolitana de Belo Horizonte: um estudo das atividades de comércio, lazer e saúde. **Cadernos Metrópole**, v. 20, n. 41, p. 35–51, abr. 2018b.

COSTA, H. S.; MENDONÇA, J. G. DE. Novidades e permanências na produção do espaço da metrópole: um olhar a partir de Belo Horizonte. *In: ANDRADE, L. T. DE; MENDONÇA, J. G.;*

DINIZ, A. M. A. (Eds.). **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana**. Letra Capita: Observatório das Metrópoles ed: Rio de Janeiro, [s.n.]. p. 46–65.

DE ANDRADE, L. T.; DE MENDONÇA, J. G. Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. **São Paulo**, v. 12, n. 23, p. 21, 2010.

DELGADO, M. **Sociedades movedizas. Pasos hacia una antropología de las calles**. Barcelona: Anagrama, 2007.

FORSÉ, M. Âges et Sociabilité. **Agora débats/jeunesses**, v. 17, n. 1, p. 19–28, 1999.

GOIX, R. L. *et al.* Who sells to whom in suburbs? Home price inflation and the dynamics of sellers and buyers in the metropolitan region of Paris, 1996-2012. p. 40, 2018.

KAZTMAN, R. Metrópoles e sociabilidade: os impactos das transformações socioterritoriais das grandes cidades na coesão social dos países da América Latina. **cadernos metrópole**, p. 21, 2008.

MELGAÇO, L. **Securização Urbana - Da psicofera do medo à tecnofera da segurança**. Tese de Doutorado—[s.l.] Universidade de São Paulo, 2010.

MENDES, M. M.; PADILLA, B.; AZEVEDO, J. MOURARIA: CONVIVIALIDADE, DIVERSIDADE E VULNERABILIDADES NUM ESPAÇO EM TRANSIÇÃO. **Espaço & Geografia**, v. 19, n. 1, p. 105:138, 2016.

MENDONÇA, J. G. DE; ANDRADE, L. T. DE; DINIZ, A. M. A. Hipersegregação das elites metropolitanas brasileiras na década de 2000: interpretações a partir da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Cadernos Metrópole**, v. 21, n. 44, p. 29–53, 15 abr. 2019.

MENDONÇA, J. G.; PERPÉTUO, I. H. O.; VARGAS, M. C. **A Periferização Da Riqueza Na Metrópole Belo-Horizontina: Falsa Hipótese?** . In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11, 2008. **Anais...** Diamantina: 2008.

REIS FILHO, N. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SABATINI, F. **The Social Spatial Segregation in the Cities of Latin America**. [s.l.] Inter-American Development Bank, 2003.

SALCEDO, R.; TORRES, A. Gated communities in Santiago: wall or frontier? **International Journal of urban and regional research**, v. 28, n. 1, p. 27–44, 2004.

SANTOS, A. C. S. Vida cotidiana na periferia de londrina: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidade. **Cadernos CERU**, v. 14, p. 241–256, 1 jan. 2003.

SECCOMBE, K. **Families and Their Social Worlds**. 4. ed. Londres: Pearson, 2021.

SEGURA, R. Em: SCARATO, L.; BALDRAIA, F.; MANZI, M. (Eds.). **Convivial Constellations in Latin America: From Colonial to Contemporary Times**. New York, NY : Routledge, 2020. |: Routledge, 2020.

SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. *In*: MORAES, E. (Ed.). **Simmel**. São Paulo: Atica, 1983.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre Epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, v. 12, p. 1–63, 2005.

TEIXEIRA DE ANDRADE, L.; MENDONÇA, J. Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. **Cadernos Métropole**, v. 12, n. 23, p. 169–188, 2010.

Recebido: 07/05/2024

Aceito: 28/10/2024